

COMENTÁRIOS SOBRE A PERSPECTIVA DO CONCEITO DE “SUPERAÇÃO” NO AFORISMO I DAS NOTAS HEIDEGGERIANAS INTITULADAS SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA*

COMMENTS ON CONCEPT “OVERCOMING”’S PERSPECTIVE IN HEIDEGGERIAN NOTES’S APHOFISM I ENTITLED OVERCOMING OF METAPHYSICS

VICTOR HUGO DE OLIVEIRA MARQUES**
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, BRASIL

Resumo: O presente artigo é uma discussão sobre a noção heideggeriana de *Überwindung*. Seu objetivo é duplo: por um lado, [1] mostrar a perspectiva que tal termo deve ser compreendido; por outro, [2] aprofundar esta perspectiva à luz de comentários ao aforismo I do texto *Überwindung der Metaphysik* (GA 07). Para tanto, duas questões são postas: em que perspectiva e que questões estão implícitas quando Heidegger propõe o projeto da *Überwindung der Metaphysik*?; e por que uma *Überwindung* contém em si tantos problemas? De modo a discutir e comentar tais questões, o artigo percorre dois caminhos: [1] faz-se uma análise da própria indicação heideggeriana da perspectiva de compreensão da *Überwindung der Metaphysik*, qual seja, revisitar, a partir de um olhar determinado, a construção da noção de história do ser. Esta, por sua vez, tem sua gênese antes mesmo da própria *Kebr*. Mais especificadamente, na reinterpretação que o próprio Heidegger faz de seu texto *Vom Wesen der Wahrheit*. A partir desta reconsideração feita por Heidegger e inserida em seu próprio texto, é possível detectar quatro teses fulcrais que traçam essencialmente a metafísica e que justificam a sua superação. São elas: [a] o fato de o ser, originariamente, se velar e provocar, historialmente, o seu esquecimento; [b] a relação entre a verdade do ser e a história, que se desenvolve como história do ser; [c] a ideia de que pertence ao ser um caráter originário de retração de si mesmo e que essa retração (a verdade do ser) é um destino que pertence à história do pensamento metafísico e se configura na própria essência da metafísica; [d] afirmar que a certeza da manifestação da essência coincide com o seu fim. [2] Adentra-se, mediante uma aproximação *pari passu*, no aforismo I do texto *Überwindung der Metaphysik*, com intuito de comentar a problematidade do termo *Überwindung* quando usado para repensar a metafísica à luz da perspectiva da história do ser.

Palavras-chave: Heidegger. *Überwindung der Metaphysik*. *Ver-endung*.

* Artigo recebido em 21/10/2016 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 05/08/2017.

** Doutorando em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3583541614529390>. E-mail: vicgo@bol.com.br.

Abstract: This article is a discussion about Heidegger's concept *Überwindung*. Twofold is his goal: on the one hand, [1] to show the prospect that such a term must be understood; on the other [2] to deepen this perspective in the light of comments on the text *Überwindung der Metaphysik's* aphorism I (GA 07). For this, two questions are put: in that perspective and what issues are implicit when Heidegger proposes the project *Überwindung der Metaphysik?*; and why a *Überwindung* itself contains so many problems? In order to discuss and comment on such issues, the article does two ways: [1] it is an analysis of the very Heideggerian statement from the perspective of understanding the *Überwindung der Metaphysik*, which is, to revisit, from a certain look, the construction the sense of history of being. This construction, in turn, has its genesis even before *Kehre* own. More specifically, the reinterpretation that Heidegger himself makes his *Vom Wesen der Wahrheit* text. From this reconsideration made by Heidegger and inserted into your own text, it's possible detect four key theses that essentially draw metaphysics and justifying its overcoming. They are: [a] the fact of being, originally, to ensure and provoke, historically, his forgetfulness; [b] the relationship between the truth of being and history, which develops as a history of being; [c] the idea of belonging to being an original character retraction itself and that this shrinkage (the truth of being) is a destination that belongs to the history of metaphysical thinking and sets the very essence of metaphysics; [d] to say that the certainty of the manifestation of the essence coincides with its end. [2] Through a *pari passu* approach, to enter the text *Überwindung der Metaphysik's* aphorism I, in order to comment on the problematicity *Überwindung* term when used to rethink metaphysics in the light of the perspective of the history of being.

Keywords: Heidegger. *Überwindung der Metaphysik*. *Ver-endung*.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma discussão sobre a ideia heideggeriana de *Überwindung*, literalmente traduzida por “superação”. Seu objetivo é duplo: por um lado, [1] reconstruir a perspectiva na qual o termo *Überwindung* deve ser compreendido; por outro, [2] articular esta perspectiva à luz de comentários ao aforismo I do texto *Überwindung der Metaphysik*. Este texto, especificadamente, é uma coletânea de fragmentos escritos entre 1936 a 1943 e publicado no volume 07 das obras completas de Heidegger. Sua importância está no fato de que são croquis de ideias nucleares que reaparecerão e serão desenvolvidos em textos maiores. Este artigo, de modo especial, se debruça sobre o aforismo I, a fim de comentá-lo. Para tanto, duas questões são postas: sob que perspectiva e que questões estão implícitas quando Heidegger propõe o projeto da *Überwindung der Metaphysik?*; e por que uma *Überwindung* contém em si tantos problemas?

De modo a discutir e comentar tais questões o artigo faz dois caminhos. Em primeiro lugar, faz-se uma análise da própria indicação de Heidegger da perspectiva de compreensão

da *Überwindung der Metaphysik*, qual seja, a história do ser. Com efeito, esta, no intuito de explicitar tal perspectiva, deve ser revisitada a partir de um olhar determinado, ou seja, desde a construção da noção de história do ser. O projeto da história do ser, por sua vez, tem sua gênese no pensamento de Heidegger antes mesmo da própria *Kebre*, em um período chamado por Jaran (2010) de “Metafísica do *Dasein*”. Mais especificadamente, na reinterpretação que o próprio filósofo faz de seu texto *Vom Wesen der Wahrheit* no §9. A partir desta reconsideração feita por Heidegger e inserida em seu próprio texto, é possível detectar quatro teses fulcrais que delineiam essencialmente a metafísica e que justificam a sua superação, são elas: [1] *o fato de o ser, originariamente, se velar e provocar, historialmente, o seu esquecimento*; [2] *a relação entre a verdade do ser e a história, que se desenvolve como história do ser*; [3] *a ideia de que pertence ao ser um caráter originário de retração de si mesmo e que essa retração (a verdade do ser) é um destino que pertence à história do pensamento metafísico se configura na própria essência da metafísica*; [4] *afirmar que a certeza da manifestação da essência coincide com o seu fim*.

Uma vez delineado as teses que permitem justificar uma superação da metafísica, adentra-se, mediante comentários *pari passu*, no aforismo I do texto *Überwindung der Metaphysik* afim de evidenciar a problematicidade do termo *Überwindung* quando usado para repensar a metafísica no sentido discutido na primeira parte do artigo. Neste sentido, Heidegger, de modo a clarificar seu projeto e retirar-lhe as obscuridades, se utiliza da terminologia *Verendung* como forma de desvelar o sentido originário de *Überwindung*.

2. A PERSPECTIVA DE COMPREENSÃO DA “SUPERAÇÃO”: A HISTÓRIA DO SER

O aforismo I inicia com o filósofo perguntando-se: “*Was heißt Überwindung der Metaphysik?*” (o que se quer dizer, quando se diz, “superação da metafísica”?)¹. E sua resposta, a priori, é indicar a perspectiva de compreensão desse título: “*Im seinsgeschichtlichen Denken...*” (no pensar histórico do ser...)². Logo, para compreender o projeto de “*Überwindung der Metaphysik*”, o qual Heidegger quer empreender, é necessário, antes de qualquer coisa, indicar que o termo *Überwindung* incide sobre uma concepção de metafísica

¹ Utilizo como base o texto original em alemão (GA 07) e uma tradução própria.

² Schuback (2006) traduz essa expressão assim: “Na história do ser, o pensamento...” e Stambaugh (2000) opta por “*In the thinking of the history of Being*”. Nós, todavia, seguindo o princípio de uma maior literalidade e proximidade com o texto alemão, traduzimos tal como se segue no texto.

fruto de uma “compreensão histórica”. Em outras palavras, o projeto de superação (*Überwindung*) requer, antes, que se debruce sobre a própria ideia de metafísica, percebendo-a como um produto da construção do pensamento em um horizonte histórico. Ou ainda, um projeto de superação, aos olhos de Heidegger, não se faz sem antes compreender que relações há entre metafísica e história.

Contudo essa compreensão histórica, pela qual a concepção metafísica e seu movimento de superação estão inclusos, não corresponde a uma historiografia propriamente dita, senão um olhar sobre a história à luz do ser. Seria, em termos gerais, uma espécie de ontologia da história, se é que uma categoria assim possa ser dita e pensada. Destarte, para explicitar o que Heidegger pretende com a noção de “*Überwindung der Metaphysik*” é cogente revisitar o que ele intenta com a noção “*Seinsgeschichte*”.

A temática da história nas obras de Heidegger aparece bem cedo. Já em 1916, o ensaio *Der Zeitbegriff in der Geschichtswissenschaft*³ (O conceito de tempo nas ciências históricas) denunciava textualmente esta preocupação. O tratado *Sein und Zeit* de 1927 mostrou a força da noção de tempo para a compreensão da própria história, reconduzindo a discussão da história para os âmbitos ontológicos. Porém, é na elaboração da *Seinsgeschichte* que a dimensão histórica adquire sua complexidade no pensamento heideggeriano. Com efeito, para melhor entendê-la, é mister revisitar o pensamento de Heidegger antes da *Kehre*, especificadamente, na Metafísica do *Dasein*⁴. Na década de 30, Heidegger proferiu um conjunto de conferências que foram publicadas em uma obra no de 1943 sob o título *Vom Wesen der Wahrheit* (Sobre a essência da verdade). O §9 desta obra, porém, é uma releitura do próprio autor de suas considerações anteriores e um ajuste de contas com sua nova perspectiva: a história do ser. Neste parágrafo em específico, o autor vincula a ideia de história à ideia de “verdade” (LYRA, 2006, p.342).

Wahrheit, especificadamente neste texto, “significa o velar iluminador enquanto traço essencial do ser (*Sein*)” (HEIDEGGER, 1979, §9). Portanto, ela é delineada como a revelação de um dado originário do ser, isto é, atrelado ao ser, há uma *recusa original* de si

³ Publicado no *Gesamtausgabe* Band 01.

⁴ A Metafísica do *Dasein*, explica Jaran (2010), é um projeto que, ao contrário dos propósitos da ontologia fundamental de SZ, busca compreender a questão do ser a partir da metafísica, i. é, é um esforço teórico de Heidegger de estabelecer “os fundamentos de uma nova metafísica”. Aqui, inexistente qualquer possibilidade de se pensar uma “superção” da metafísica, mas antes, uma restauração. Efetivamente, aí está a importância dos textos do final da década de 20 e início da década de 30. A leitura de Jaran (2010) sobre os textos desse período quer sustentar a seguinte tese: os textos que compõem a Metafísica do *Dasein* funcionam como o ponto de virada entre SZ e *Beiträge zur Philosophie. Vom Ereignis* (BP).

mesmo, uma “retração que dissimula” (HEIDEGGER, 1979, §9) de modo originário, a qual Heidegger chama de *alétheia*. É isto que o filósofo quer entender por “verdade do ser”: ***o fato de o ser, originariamente, se velar e provocar, historialmente, o seu esquecimento***. A nosso ver, este esquecimento historialmente provocado pelo ser de si mesmo pode ser considerado a ***primeira tese ontológica*** que caracteriza o primeiro traço essencial da metafísica e sua conseqüente necessidade de superação.

Nesse sentido, a história, vista à luz da verdade do ser, passa a assumir o caráter de “errância” (LYRA, 2006, p.342). Errância, Lyra comenta (2006, p.342), “é a palavra que define o acontecer histórico do homem” e para que esse homem seja assim compreendido – enquanto “homem historial” em termos de errância – é necessário compreendê-lo, preparatoriamente, como *Dasein*, como afirma Heidegger (1979, §9): “... somente a partir do ser-aí, no qual o homem pode penetrar, se prepara, para o homem historial, uma proximidade com a verdade do ser”. Esta preparação, para Heidegger (1979), implica em abandonar todas as antropologias e toda a espécie de subjetividade do homem enquanto sujeito – ou seja, rejeitar toda e qualquer compreensão transcendental do homem – e ir à busca da verdade do ser como um fundamento de uma nova posição historial.

Assim, a verdade do ser – essa recusa dissimuladora intrínseca ao ser, essa total indeterminação e concomitantemente liberdade do ser – que é tomada como um “fundamento” para um novo modo de entender as relações entre homem e história, que é “a resposta à questão da essência da verdade”, i. é, é “a dicção”, mais precisamente, a expressão de uma “viravolta no seio da história do ser” (HEIDEGGER, 1979, §9). A história do ser, desse modo, é uma “*Kehre*”, uma viravolta sobre o pensamento metafísico. Essa viravolta é, segundo Heidegger (1979), uma “revolução na interrogação” e tal revolução “já pertence à superação da metafísica”. A nosso ver, ***essa relação entre a verdade do ser e a história, que se desenvolve como história do ser, é a segunda tese ontológica*** que caracteriza o segundo traço essencial da metafísica e sua conseqüente necessidade de superação.

Na compreensão de Vattimo (1996), a história do ser pensada por Heidegger é a “essência da metafísica” e isso se deve a dois fatores. O primeiro remete à aula inaugural de Heidegger na universidade de Freiburg, ‘*Was ist Metaphysik?*’ em 1929. Nesta aula inaugural, Heidegger trabalha a questão metafísica do nada e o resultado dessa questão, na percepção de Vattimo (1996, p.85), leva o filósofo a notar que a “metafísica é o pensamento que, mesmo

ao pôr o problema do ser, o esquece imediatamente e se limita a considerar o ente”. Para este comentador, antes mesmo do texto sobre a verdade, a aula inaugural já indicava, de modo estrutural, o problema da metafísica: toda tentativa de resolver a questão a respeito da realidade última acabava sempre e determinantemente em um esquecimento e esse, por sua vez, privilegiava o ente em detrimento do ser.

Contudo, tal constatação estrutural do problema da metafísica – o esquecimento do ser e a imediata tematização do ente – é materializada e fundamentada no texto sobre a verdade. Esta fundamentação do problema estrutural da metafísica encontrada no texto *Vom Wesen der Wahrheit* é, para Vattimo (1996), o segundo fator que, não apenas mostra o aspecto do ocultamento intrínseco ao ser, como também afirma que tal aspecto possui uma dimensão historial, ou seja, “é um ‘destino’ que o homem não pode deixar de assumir” (VATTIMO, 1996, p.85). À luz de Vattimo (1996), Heidegger, no texto da verdade, faz a seguinte aproximação: ***a ideia de que pertence ao ser um caráter originário de retração de si mesmo e que essa retração (a verdade do ser) é um destino que pertence à história do pensamento metafísico se configura na própria essência da metafísica.*** Essa constatação essencial da metafísica é o que consideramos a ***terceira tese ontológica*** que sustenta tanto o traço essencial da metafísica quanto a sua necessidade de superação.

Comenta Lyra (2006, p.343) que a história da metafísica do ser, contada à luz de Heidegger, caracteriza-se por um “conjunto de metamorfoses unidas por certo fio comum da forma como o Ocidente, em meio às possibilidades salvaguardadas pelo encobrimento original desse ser, recolheu, deu abrigo ou recortou, em nível fundamental, o seu mundo histórico”. Tal “fio comum” pensado por Heidegger, em tese, seria “a tentativa de pensar o ser como ente absolutamente fundamental” (LYRA, 2006, p.343). Esta tentativa comum, por seu turno, seria capaz de resolver o problema da multiplicidade dos entes restituindo-os em uma unidade fundamental chamada ser. Com efeito, prossegue Lyra (2006, p.344), essa tentativa comum não se deu conta de uma coisa ainda mais fundamental e que Heidegger (1979) no texto *Vom Wesen der Wahrheit* indica: a tese de que o Ocidente teria relegado o esquecimento.

A questão é que, desde os primórdios do pensamento, os pensadores se vislumbraram/espantaram com o “desvelamento do ser” sem, contudo, levar em consideração, concomitante ao seu des-velar, seu “velamento”. O desdobramento dessa não percepção inicial resultaria em um desenvolvimento histórico do pensamento denominado

de “Metafísica”. A essência da metafísica, portanto, é o desenvolvimento histórico do pensamento que não levou em consideração o velamento do ser, ou seja, a verdade do ser. Nos termos de Lyra (2006, p.344), a metafísica é a “busca renovada pelo ‘desvelado último’ capaz de, subjacentemente, dar conta da totalidade dos entes em seu ser”. Mediante as constatações, fica claro que “o reconhecimento da metafísica como esquecimento do ser e de tal esquecimento como evento que corresponde primordialmente ao próprio ser” (VATTIMO, 1996, p.89) não dependem da decisão de um filósofo ou de outro, senão que pertence à própria história do ser.

A questão de Heidegger, propriamente dita, não é o “esquecimento do ser”, pois em toda a história da metafísica há um real esforço de desvelamento do ser; mas, antes, o esquecimento da verdade do ser, que, segundo ele, já estava presente em *Sein und Zeit* quando se dizia da questão do “sentido do ser” (HEIDEGGER, 1979, §9). Assim, de Platão a Nietzsche, comenta Lyra (2006, p.344), a história do pensamento, a metafísica, intentou desvelar o ser, mas “a partir de uma ideia de concordância com um ente último”. Ou seja, há uma prevalência da ideia de “concordância” no que diz respeito à verdade, ocultando assim a verdadeira essência da verdade: o velar iluminador do ser. Esse reconhecimento apresenta, de modo último, a própria essência da metafísica, ou seja, quando se reconhece que tudo o que o pensamento produziu em termos de metafísica na história ficou, veladamente, determinado por uma retração originariamente intrínseca ao ser, isso mostra as razões fundamentais do limite do pensamento metafísico e, portanto, a sua essência.

Na compreensão de Vattimo (2006) sobre Heidegger, ***só se pode conhecer a essência de alguma coisa em seu acabamento – seguindo a lógica de Sein und Zeit – e, nessa lógica, a metafísica estaria no seu fim***. “Podemos chegar a conhecer a essência da metafísica porque essa mesma essência ‘manifesta-se’, e essa manifestação está relacionada com o facto de ter chegado ao fim” (VATTIMO, 2006, p.89). Por isso, há uma necessidade de “*Überwindung der Metaphysik*”, uma vez que se desvelou – pelo menos assim crê Heidegger – o que estava velado, qual seja, o próprio velamento e por isso, a essência da metafísica. ***Afirmar que a certeza da manifestação da essência coincide com o seu fim é a quarta tese ontológica que caracteriza essencialmente a metafísica e, por conseguinte, justifica sua superação.***

Assim, pensa Vattimo (1996, p.90), “nem desenvolvimento da metafísica nem o fim da metafísica dependem de nós”, o que não implica dizer que há uma desconexão entre

história do ser e nossa história. O fato de o ser possuir uma história condiciona nosso modo de ser histórico e não vice versa. Isso porque somos lançados em uma “abertura histórica” (VATTIMO, 1996, p.90). Desse modo, reconhecer essa dependência e de que modo essencialmente essa história que condiciona nossa existência, a história do ser, é mostrar que temos condições de desvelar o que ficou velado, i. é, o próprio velamento e, por conseguinte, ir além da metafísica.

Essa *Überwindung*, na compreensão de Lyra (2006), só se daria a partir de um “salto”, uma ruptura radical com esse modo de construir o pensamento à luz do parcial desvelamento do ser, para um “outro começo”, uma outra história reconciliada com o velamento do ser. Esse acabamento da metafísica, comenta Vattimo (1996), é para Heidegger iluminado pelo pensamento de Nietzsche. Uma de suas primeiras indicações desta influência pode ser conferida no §76 de *Sein und Zeit*, onde Heidegger cita a *Segunda Consideração Intempestiva* desse filósofo no que diz respeito ao modo ele reconhece a “tríade da historiografia” dentro de sua análise da historicidade autêntica. Essas teses indicadas a partir de “*Vom Wesen der Wahrheit*”, informa Vattimo (1996), são desenvolvidas em suas lições do semestre de verão em Freiburg de 1935 denominada de *Einführung in die Metaphysik* (Introdução à metafísica) e amadurecidas em seus estudos sobre Nietzsche também na década de 30.

A grande contribuição de Nietzsche para Heidegger, no entanto, está no fato de que, segundo Heidegger, a metafísica manifestaria seu acabamento com a ideia do niilismo e tal reflexão instiga Heidegger à necessidade do passo de volta às raízes da própria metafísica, para assim compreender os seus efeitos na época hodierna. Vattimo mesmo considera que o pensamento heideggeriano é niilista, se dando desde *Sein und Zeit* quando o projeto ontológico deste tratado pretendia apresentar o ser desde a perspectiva transcendental, ou seja, que poderia se firmar como um fundamento, e que no final acabou se mostrando insuficiente (VATTIMO apud BERCIANO, 1993). Desde a ótica do fundamento, Nietzsche e Heidegger seriam niilistas. A aproximação entre acabamento da metafísica (ausência de fundamentos) e o niilismo se dá quando Nietzsche defende um esquecimento cada vez mais petrificado do ser, pois – tomando a leitura de Vattimo (1996, p.91-92) – “o ser não só é esquecido como ele próprio se oculta ou desaparece”. Esse desaparecimento do ser, na compreensão heideggeriana, expressa-se na ideia nietzscheana de “vontade de poder”. Poder, para Heidegger – afirma Vattimo (2006), nada mais é do que a disponibilidade possível de algo, i. é, um modo de “querer” algo. Destarte, heideggerianamente, a “vontade de poder” é

“vontade de querer” e é a partir desse querer o querer (querer dispor de algo) que é possível a *técnica*⁵. De maneira mais explícita, somente quando a “vontade do sujeito” apenas quer o seu querer é que não há mais relação intencional (querer-querido), que torna possível a relação ontológica, a relação ao ser. Reduzido ao querer, os entes são reificados e tecnicados conforme o querer. Nos termos de Vattimo (1996, p.92 e 97):

[...] que a vontade queira só querer significa que ela é puro querer, sem algo ‘querido’; a vontade está só, não tem nenhum termo para tender, além de si própria. ‘Vontade de vontade’ indica a total ‘falta de fundação’ que caracteriza o ser no termo da metafísica [...] Ao dar-se do ser só como vontade, teorizado por Nietzsche – que é o modo extremo de ocultar-se do ser e que deixa aparecer só o ente – corresponde a técnica que dá ao mundo esta forma de hoje que se chama de ‘organização total’

Ainda que Heidegger entenda, por meio de Nietzsche, que seja possível pensar o acabamento da metafísica, esta apropriação nietzschiana não é hegemônica e nem deve ser redutora de seu pensamento, como afirma Esperón:

Entretanto, Heidegger se esforça em fazer de Nietzsche um pensador de um único tema metafísico, qual seja, a vontade de poder, salientando os seus aspectos calculadores e racionais, e a íntima relação que ela tem com o eterno retorno. Pensar em Nietzsche, como o faz Heidegger, somente a partir dessa perspectiva, faz com que sua filosofia fique totalmente fechada e enclausurada, colocando Nietzsche como filósofo culminante e consumidor da metafísica da subjetividade e da tecnociência. Com a unilateralidade interpretativa heideggeriana, a filosofia nietzschiana é esvaziada de risco, risco que supõe todo pensar pela multiplicidade e pela diferença, que em Nietzsche talvez apareça sob a forma do perspectivismo, porque está assegurada na lógica do pensar representativo que supõe a identidade da vontade de poder como vontade de vontade, calculadora dos valores que asseguram as condições de seu crescimento. É por tudo isso que a filosofia de Nietzsche está morta em Heidegger, já que ele é quem pensou o impensado em sua filosofia. Mas nós sustentamos que Nietzsche, além de ser um filósofo em sentido pleno, é um pensador ontológico; sua atenção está centrada em torno do problema do ser (2010, p.80).

Deste modo, ficam introduzidos as quatro teses ontológicas gerais que subjazem a perspectiva de compreensão da *Überwindung* e, ao mesmo tempo, sustentam os traços essenciais da metafísica que justificam o projeto da *Überwindung der Metaphysik*.

⁵ Cf. HEIDEGGER, M. Sobre “a linha”. In: *Sobre o problema do ser*. O caminho do campo. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

3. ÜBERWINDUNG OU VER-ENDUNG

Retomando o aforismo I, quando Heidegger se pergunta: “O que se pode dizer por Superação da Metafísica?”⁶, sua resposta é: “*Im seinsgeschichtlichen Denken ist dieser Titel nur behelfsmäßig gebraucht, damit es sich überhaupt verständlich machen kann*”, (no pensar histórico do ser, esse título é apenas provisório, a fim de que ele possa tornar-se compreensível de modo geral). Como foi exposto anteriormente, já foi refletido de modo suficiente sobre o *seinsgeschichtlichen Denken*, e, também, visto que a *Überwindung der Metaphysik* é compreendida dentro dessa tese heideggeriana. Há um ‘porém’: na perspectiva do *seinsgeschichtlichen Denken*, a noção de *Überwindung*⁷ é um título “*behelfsmäßig*” (provisório/temporário), usado apenas com fins “propedêuticos” (*überhaupt verständlich*). Isso quer dizer que a *Überwindung* não deve ser entendida em seu sentido comum, enquanto sinônimo de *Aufhebung* [dialética] (VATTIMO apud BERCIANO, 1993, p.21); mas apenas uma linguagem que serve de apoio à compreensão. A que se deve essa provisoriedade dessa linguagem? Responde Heidegger: “*In Wahrheit gibt dieser Titel zu vielen Missverständnissen Anlass*” (na verdade, esse título é causa de más-compreensões, é um título que causa problemas de compreensão). E por essa mesma razão – de sua ambiguidade semântica – é que “*er lässt die Erfahrung nicht auf den Grund kommen*” (ele não deixa a experiência vir ao fundo). O título “*Überwindung*” impede a “*Erfahrung*”, no sentido de que essa última não chega aos fundamentos, pois, para que se compreenda a *Erfahrung*, é necessário que a *Überwindung* seja lida à luz de sua essência, “*von dem aus erst die Geschichte des Seins ihr Wesen offenbart*” (do qual apenas a história do ser revela sua essência). Em outros termos, os problemas causados pelo uso do termo *Überwindung*, e que de algum modo justificam sua provisoriedade, só ocorrem quando não se leva em consideração a sua essência, que é revelada pela história do ser.

Esta “essência” revelada pela história do ser e que permite que a *Erfahrung* da *Überwindung* alcance seus fundamentos é “*das Er-eignis, in dem das Sein selbst verwunden wird*” (o *Er-eignis*⁸, em que o ser mesmo é ferido⁹). Portanto, a *Erfahrung* da *Überwindung*, à luz do *Er-*

⁶ Tradução mais livre.

⁷ Literalmente, também se pode traduzir *Überwindung* por “sacrifício” (dicionário PONS *online*).

⁸ Manteremos *Er-eignis* sem tradução como um termo técnico na filosofia heideggeriana, tal como *Dasein*.

⁹ Literalmente, *verwunden wird* significa “é ferido”, “é magoar” (dicionário PONS *online*). A tradução inglesa, feita por John Stambaugh (2000), utiliza o termo “*isovercome*”, que literalmente significa “é superado”. Schuback (2006) traduz para o português essa mesma locução verbal por “*se sustenta*”. Aparentemente, não há uma convergência

ignis, em nada tem que ver com “*Wegdrängen einer Disziplin aus dem Gesichtskreis der philosophischen Bildung*” (retirar do caminho uma disciplina do horizonte da formação filosófica). Explicando, *Überwindung* não é negar, no sentido dialético de fazer com que uma coisa seja subsumida por outra, mas é, no caso da metafísica, ir de encontro ao ser mesmo, ou seja, deixar de utilizar mediações para dizer do ser mesmo. Mas por que uma *Überwindung*, em termos de um *Er-eignis*, seria necessária para a metafísica? A que *questões* a metafísica foi acometida a ponto de, agora, ter de passar por essa *Erfahrung*? Responde Heidegger: “*»Metaphysik« ist schon als Geschick der Wahrheit des Seienden gedacht, d.h. der Seiendheit, als einer noch verborgenen, aber ausgezeichneten Ereignung, nämlich der Vergessenheit des Seins*” (metafísica enquanto o envio¹⁰ da verdade do ente, i. é, da entidade já é pensada como um ainda oculto, mas notável *Ereignung*, que é o esquecimento do ser). Segundo Heidegger, a metafísica – já pressuposta como história do ser, i. é, o envio da verdade do ser – deve ser pensada como *Vergessenheit des Seins* (esquecimento do ser), ou seja, a metafísica em sua essência (*als Geschick der Wahrheit des Seienden*), mesmo sem saber, produziu o esquecimento do ser. Com efeito, pensar a *Überwindung* como sinônimo de *Gernächte*¹¹ *der Philosophie* (algo que deve ser excluído da filosofia) é um problema e, portanto, deve ser identificada com um título mais adequado: *Die Vergangenheit der Metaphysik* (o passado da metafísica). A questão de Heidegger é que a *Überwindung*, não sendo uma ação própria da filosofia, pertenceria à própria essência da metafísica enquanto consequência de seu envio histórico. A *Überwindung* poderia ser também compreendida com o título de *Vergangenheit der Metaphysik*, passado da metafísica, como aquilo que a metafísica já produziu e efetivou-se não podendo mais sê-lo. Superar, em tese, seria mostrar o seu limite histórico.

Todavia, dizer que a *Überwindung* pode ser traduzida por *Vergangenheit der Metaphysik* também em nada contribui para os possíveis equívocos, reconhece Heidegger, pois

de sentido. Manteremos a literalidade com “é ferido”, no sentido de que o ser mesmo é “tocado”, contudo sabemos que não é a melhor tradução.

¹⁰ De acordo com Inwood (2002), Heidegger usa *Schicksal* e *Geschick* como correlatas. Ambas vêm de *schicken* que significa “enviar”, mas também já significou originalmente “arranjar, ordenar, preparar, expedir”. Relacionam-se, portanto, a *Geschichte*, “história”, ou seja, o que “acontece”. *Geschick* significa também “destreza”, “habilidade”.

¹¹ *Gernächte* foi traduzido por Schuback (2006) como “feito” e por Stambaugh (2000) como “produto”. Nós utilizaremos outra lógica. A palavra *ächten* literalmente significa “ostracionar”, “proscriver”. *Gern* é apenas uma ênfase como “com muito prazer”, “com muito gosto”. Nesse sentido, pode-se traduzi-la por *proscrição* ou *exclusão*. No caso, essa tradução sustenta a preocupação de Heidegger em mostrar que o termo superação, se não é bem entendido, dá margens a equívocos.

Vergangenheit quer dizer, nos dizeres do filósofo, "*Ver-geben und Aufgeben*¹² *in die Gewesenheit*¹³" (passar e abrir-se ao ter-sido). Ao contrário do que parece passar não é encerrar, mas "*daß jetzt erst die Metaphysik ihre unbedingte Herrschaft im Seienden selbst und als dieses in der wahrheitslosen Gestalt des Wirklichen und der Gegenstände antritt*" (só agora a metafísica toma posse de seu absoluto domínio sobre ente mesmo e, como tal, na forma desvinculada de verdade do real e dos objetos). Em outras palavras, identificar *Überwindung* com *Vergangenheit* não se resolve o problema da compreensão essencial de *Überwindung*, já que a ideia de *Vergangenheit*, na análise heideggeriana, reforça ainda mais aquilo que a metafísica tem de essencial: o domínio absoluto dos entes. Por outro lado, justamente pelo sentido de "começo" que a *Überwindung* pode assumir, é que o título *Vergangenheit* pode fazer sentido, pois a "*die Metaphysik zugleich vergangen in dem Sinne, daß sie in ihre Ver-endung eingegangen ist*" (a metafísica é ao mesmo tempo passado no sentido que ela se dá em seu termo). E finalizando, Heidegger conclui que a *Überwindung*, caso entendida como seu próprio termo "*dauert länger als die bisherige Geschichte der Metaphysik*" (**dura** mais do que a presente História da Metafísica).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, o aforismo I é uma discussão sobre a necessidade de se utilizar um termo adequado para falar da essência da metafísica¹⁴ por duas razões: pelo fato de que *Überwindung*, onticamente falando, não consegue acessar a abertura fundamental (*Ereignis*) que

¹² Schuback (2006) traduz esses dois termos por: "repassar e passar" e Stambaugh (2000) se utiliza dos termos: "*to perish and enter*". Pelo princípio da literalidade, transliteramos tal como segue no texto, contudo sabemos que não é fácil entender o que filósofo realmente quis dizer.

¹³ O termo *Gewesenheit* não é estranho nos textos de Heidegger. Já em *Ser e Tempo* o filósofo o utiliza para expressar a unidade originária da estrutura da *Sorge* enquanto temporalidade (Cf. §65). Neste tratado, a tradução portuguesa privilegia dois modos de tradução. Schuback (2000) traduz por "*o vigor de ter sido*", justificando que a palavra alemã *wesen* significa viger, vigorar, estar em vigor e, uma vez que assume o caráter de substantivo, ela conota uma dupla experiência: a "de uma força que já se instalou e que continua atuante" (Cf. N12 da segunda parte tradução de *Ser e Tempo* da 7ª edição, p.260). Castilho (2012), em sua versão bilíngüe do *Ser e Tempo*, traduziu por "*ser-do-sido*". A versão inglesa de *Überwindung der Metaphysik* de Stambaugh (2000) traduz por "*what has been*". Assim, optamos traduzir, simplesmente, por "ter-sido".

¹⁴ "Embora Heidegger use a palavra familiar *Überwindung* para superação, ele quer dizer que ela deve ser entendida na palavra menos familiar *Verwindung*. Quando qualquer coisa é superada no sentido de ser *überwunden*, é derrotado e deixado para trás. Isto não é o sentido que Heidegger entende aqui. Quando alguma coisa é superada no sentido de ser *verwunden*, ela é, tal como ele diz, incorporada. Por exemplo, quando algo supera um estado de dor, não se livra da dor. Ele tem cessado de preocupar com ela e tem aprendido a viver com ele. Assim, superar a metafísica seria incorporar a metafísica, talvez com a esperança, mas não com a certeza, de elevá-la a uma nova realidade" (STAMBAUGH, 2000, p.84).

permite à metafísica revelar o ser mesmo; e segundo é necessário discutir este termo a partir de um certo “acabamento” (*Ver-endung*).

Primeiramente, o projeto de *Überwindung der Metaphysik* pretendido por Heidegger não faz parte de uma metodologia dialética, a qual a metafísica, tal como outros pensamentos (como todo o desenvolvimento da filosofia analítica) seria subsumida por uma outra forma de pensamento. Pelo contrário, este projeto é uma abertura fundamental que permite a própria construção metafísica. Neste sentido é que Heidegger ao se perguntar pelo sentido da pergunta pela superação da metafísica já indica sua perspectiva de compreensão: a História do ser. Ainda que esta não seja discutida neste texto em específico, mas em outros do mesmo período, ela pode ser reconstruída, em certo sentido, pelo reconhecimento de quatro teses fundamentais, desde a própria leitura feita por Heidegger do texto *Vom Wesen der Wahrheit*, e que permitem sustentar uma certa essência da metafísica e a justificativa de sua “superação”.

Em segundo, o termo “superação” (*Überwindung*) não é o mais adequado, pois, além de provocar mal-entendidos, ele não deve ser entendido fora do contexto da experiência da história do ser. Nesse sentido, a experiência do *Ereignis*, oferecida pela história do ser, é aquela que permite visualizar a essência da “superação”, pois ela “fere” (*verwunden*) o ser mesmo. Ao mesmo tempo, ela permite entender que a ideia de superação não está ligada à de eliminação (*Gernächte*), pelo contrário, está ligada com a ideia de evidenciar a verdadeira essência da metafísica. Essa, por sua vez, se revela à luz da história do ser e da experiência do *Ereignis* como a história do esquecimento do ser. Com efeito, o termo *superação* não contribuiria muito para fazer aparecer esse sentido da metafísica, já que ela – a superação – não depende da filosofia, mas da própria essência da metafísica. Sendo assim, uma outra forma de falar da superação seria usando o termo: “passado da metafísica”, o que também não resolveria por completo todos os problemas de mal-entendidos. Porém, há um traço nesse termo que seria muito útil: a ideia de que passado remete a de “termo” (*Verendung*). O uso de “a seu termo”, ao final do texto, parece dizer mais do que superação. Contudo o aforismo acaba sem posteriores discussões a respeito do tema, e pode ser aprofundado pelos demais aforismos.

Essa dificuldade em bem definir os “finalmente da metafísica” se justifica pelo fato de que *Überwindung* carrega consigo a ideia de “ruptura” ou “passar à frente” (BALEEIRO, 2010, p.40), o que é distinto com o termo *Verwindung*¹⁵, que aparecerá no aforismo II. Para

¹⁵ “Berciano (1993, p. 47-48), em ensaio que trata da interpretação vattimiana de Heidegger, afirma que o filósofo italiano faz uma leitura distorcida. A começar, segundo ele, é de desconfiar o fato de Vattimo teorizar um termo tão pouco utilizado por Heidegger, além disso, ambos os “conceitos” não se opõem, antes se

Vattimo, Heidegger mantém uma polissemia do termo *Verwindung*, ou seja, é um termo que permite várias interpretações (BALEEIRO, 2010, p.41). Tais variações, ao contrário, não antagonizam os termos, e sim se complementam.

complementam. Reportando a um texto de Heidegger, ele justifica dizendo que a *Verwindung* se apresenta como uma *Ueberwindung*. [...] Sützl segue uma via oposta à de Berciano. Para ele, “*Verwindung* quer dizer: abandonar o ciclo de superação e tecnificação de uma maneira que não seja, por sua vez, uma superação” porque “É a diferença entre superação e *Verwindung* que dá sentido ao prefixo ‘pós’ de pós-moderno” (SÜTZL, 2001, p.164)” Cf. BALEEIRO, C. A. S. *Verwindung*: a ideia de superação no pensamento de Vattimo. *Correlatio*, n.18, dez, 2010, p.41.

Referências

- BALEEIRO, C. A. S. *Verwindung*: a ideia de superação no pensamento de Vattimo. **Correlatio**, n.18, dez, 2010.
- BERCIANO, M. Heidegger, Vattimo y la Deconstrucción. **Anuario Filosófico**. 1993 (26), pp.9-45.
- ESPERÓN, J. P. E. Diálogo Nietzsche-Heidegger sobre a diferença como superação do pensamento. **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche**, 2010, v.3 (2), pp.79-96.
- HEIDEGGER, M. Überwindung der Metaphysik. In: **Gesamtausgabe**. I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Band 07. Vorträge und Aufsätze. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.
- _____. Overcoming metaphysics. In: **The end of philosophy**. Tradução Joan Stambaugh. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- _____. A superação da metafísica. In: **Ensaio e conferências**. Tradução Márcia Schuback. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. **Sobre a essência da verdade**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção os Pensadores).
- _____. Sobre “a linha”. In: **Sobre o problema do ser**. O caminho do campo. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- JARAN, F. **La Metaphysique du Dasein**. Heidegger et la possibilite de la metaphysique (1927-1930). Bucarest : Zeta Books, 2010.
- LYRA, E. Heidegger, história e alteridade: Sobre a essência da verdade como ponto de partida. **Natureza Humana**, 8(2), 337-356, jul-dez, 2006, p.342.
- STAMBAUGH, J. Nota de rodapé 01. In: HEIDEGGER, M. **The end of philosophy**. Tradução Joan Stambaugh. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. 10.ed. Lisboa: Piaget, 1996.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



MARQUES, Victor Hugo de Oliveira. COMENTÁRIOS SOBRE A PERSPECTIVA DO CONCEITO DE “SUPERAÇÃO” NO AFORISMO I DAS NOTAS HEIDEGGERIANAS INTITULADAS SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA. *Synesis*, v. 9, n. 2, out. 2017. ISSN 1984-6754. Disponível em:
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=1187>
